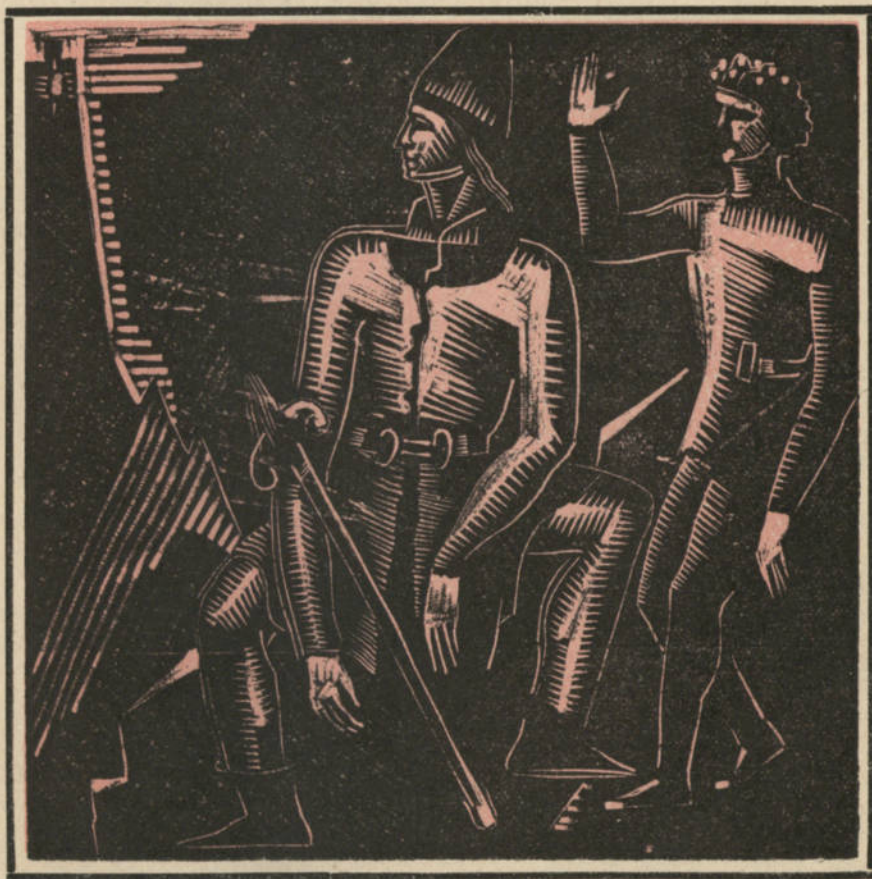


DEF. LES.

# HISTÓRIA DA FAÇANHA DE AIRES TINOCO E DA TRISTE MORTE DE NUNO TRISTÃO

Lo 120216

R. 143:409



COLECÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO VINTE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1940



E X - L I B R I S

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO  
VILA NOVA DE FAMALICÃO - 1940

46 12621 6

## LIVRO VINTE

### HISTÓRIA DA FAÇANHA DE AIRES TINOCO E DA TRISTE MORTE DE NUNO TRISTÃO

Como já ficou dito o Infante Dom Henrique vivia na vila de Sagres a que também chamavam Vila do Infante. E na sua casa se criavam e educavam rapazes que êle estimava e que depois vinham a ser os capitães das caravelas que êle mandava à descoberta do mundo.

Entre êsses rapazes, havia um, natural de Olivença (que nesse tempo era cidade portuguesa), chamado Aires Tinoco. Era ainda muito novito quando fôra para casa do Infante; mal tinha doze anos. Nuno Tristão, cavaleiro de grande fama como já ficou dito, recomendara-o ao Infante e tinha-lhe muita amizade, porque o rapazito era sério e desembaraçado e cheio de grande desejo de aprender e de bem servir o seu senhor.

Aires Tinoco em breve se tornou dos melhores entre os da sua idade. Passava horas seguidas na sala onde o Infante trabalhava dia e noite, debruçado sobre mapas e escritos, ou sôzinho ou na companhia dos grandes mestres da arte de marear que ali vinham convidados por êle, de várias terras. Aires conservava-se de pé por detrás do Infante, pronto a trazer ao seu senhor, tal mapa, ou manuscrito, ou instrumento que êle pedisse; porque Aires dava atenção a tudo e sabia onde estavam tôdas as cousas que o Infante precisava para os seus trabalhos. E assim, ia aprendendo muito.

Quando o Infante estava em maré de rir, dizia às vezes aos seus cavaleiros, apontando para Aires:

— Este já sabe mais do que vocês todos juntos; e quando chegar a sua vez de ir descobrir terras, muito hei-de pasmar se não me trouxer grandes novidades.

E todos riam e se divertiam com estas brincadeiras, enquanto Aires todo contente, cõrava até à raiz dos cabelos.

Volta e meia perguntava a Nuno Tristão:

— Quando é que a gente vai para o mar?

Às vezes ao cair da noite, ou de madrugada muito antes do sol nascer, Nuno Tristão ia com êle ao longo do promontório que avança pelo mar dentro como um dedo estendido a apontar para os lados de África, e que se chama o Cabo de S. Vicente. Viam luz a brilhar na janela da sala do Infante e acontecia, quando estavam mais perto, enxergarem o vulto de Dom Henrique à janela, com o queixo apoiado à mão, olhando o mar, imóvel como uma estátua.

— O senhor Infante nunca dorme? — perguntava Aires.

— Não sei quando êle dorme, — respondia Nuno Tristão; — tem uma natureza tão rija que parece diferente dos outros homens. Não conhece o cansaço. Noite e dia a sua vontade está alerta como uma sentinela. Entendo que só descansará quando conseguir o que ninguém ainda conseguiu.

— O quê?

Descobrir tôdas as terras que há no mundo e todos os caminhos do mar por onde puder passar um barco.

Nestas conversas baixavam a voz como se falassem de cousas sagradas. Mas ninguém podia ouvi-los porque o Cabo de S. Vicente é uma ponta de terra pedregosa e agreste, deserta, e só o vento áspero do mar corre sôbre ela a tôda a hora.

O tempo foi passando e Aires Tinoco já tinha dezasseis anos feitos quando chegou o melhor dia da sua vida: foi quando Nuno Tristão o chamou para lhe dizer que, por ordem do Infante, partia de novo a descobrir terras e o levava na sua companhia como escrivão da caravela.

Em breve tudo se aprontou para a partida. Na caravela de Nuno Tristão iam ao todo vinte e nove, dos quais, homens feitos e bons marinheiros, eram vinte e quatro; além dêstes, iam: um grumete, um rapazito prêto que fôra dos primeiros cativos e já falava bem português (levavam-no para servir de língua); mais dois rapazes dos seus quinze anos que eram criados de dois cavaleiros que iam com Nuno Tristão; e finalmente Aires Tinoco que fazia as contas e servia de escrivão.

Depois de semanas de boa viagem, passaram além do Cabo Verde e navegaram sessenta léguas ao longo da costa que assim iam descobrindo, e notando tudo com muito cuidado; e viram que a costa avançava sempre em direitura ao sul como se não tivesse fim.

Afinal chegaram à embocadura de um grande rio onde ninguém ainda tinha chegado antes deles.

Aí Nuno Tristão mandou ancorar e, parecendo-lhe que nas margens daquele rio devia haver povoações, deu ordem de lançar ao mar dois botes que trazia na caravela. Num embarcou êle com mais onze homens, e no outro embarcaram mais dez.

Na caravela só ficaram dois marinheiros e os cinco rapazes.

Encostado à amurada, Aires Tinoco seguiu com a vista emquanto pôde, as duas embarcações. Viu-as entrar pela embocadura do rio e sumirem-se entre margens bem cobertas de arvoredos e matagal. E Aires soltou um grande suspiro. Que pena tinha de que Nuno Tristão o não tivesse levado consigo!

Entretanto os que iam nos botes avançavam de-prensa, rio dentro, que a maré enchia e ajudava os remadores. Não tardou que avistassem na margem esquerda um grupo importante de cabanas; e os homens, animados com a idea de encontrarem gente de que pudessem levar notícia ao Infante, remaram com mais valentia direitos ao povoado.

Mas de-repente, na outra margem do rio, surgiram doze embarcações cheias de pretos (*guinéus*, como então os nossos lhe chamavam) retintos que nem carvão, todos armados de arcos e setas e dando mostras de guerra. Seriam uns setenta ou oitenta.

Uma dessas embarcações, levada pela fôrça da maré atravessou o rio adiante das outras e chegou à povoação antes dos nossos. Logo os negros saltaram em terra e, com medonha gritaria e grande fúria, começaram a atirar setas contra os barcos de Nuno Tristão.

A ordem do seu capitão, os portugueses viraram os barcos e remaram a tôda a pressa em direitura à caravela. Oitenta guinéus bem armados contra vinte e dois portugueses! De que serviam lanças e espadas contra setas atiradas de longe?

Mal os nossos barcos viraram e se fizeram ao largo, uma das setas acertou no ombro de um dos marinheiros. O homem arrancou-a e, atirando-a à água, agarrou-se de novo ao remo. Mas em breve o largou; cobriu-se de uma grande palidez e principiou a tremer e a perder as fôrças. A ferida era pequena; a seta rasgara o gibão e mal arranhara a pele. Mas o homem caíu de bruços como se tivesse recebido um golpe mortal.

Nuno Tristão começou a remar com o remo abandonado e gritou:

— Aviar, rapazes! que as setas destes diabos têm peçonha!

Os guinéus vinham sôbre êles a tôda a pressa. As suas embarcações, talhadas em grossos troncos de árvores, eram compridas, esguias e muito rápidas. As setas envenenadas choviam sôbre os portugueses.

Louvado Deus, à fôrça de ânimo conseguiram alcançar a caravela. Mas não puderam içar os botes, que os guinéus rodeavam-nos de todos os lados. Quatro marinheiros ficaram mortos nos botes e dos que treparam para dentro da caravela, nenhum escapara às setas e todos estavam feridos. Alguns, apenas chegavam a salvamento, caíam no chão sem mais fôrça para se erguerem; e pouco depois ali se finavam.

Os dois marinheiros que tinham ficado a bordo correram a levantar as âncoras como Nuno Tristão lhes mandou; mas logo as malditas setas os feriram.

Nuno Tristão também fôra ferido. Mal se podia já ter de pé; mas, apoiado a Aires Tinoco, ia dando as suas ordens como se nada fôsse; e os homens, vendo aquela coragem, obedeciam e faziam as manobras precisas.

— Raça danada! — resmungou Nuno Tristão olhando para os negros que formigavam no mar. — Mas não hão-de apanhar o nosso barco... Encosta-me acolá àquele mastro, Aires. Pega num machado e corta as amarras para a gente se safar e salvar a caravela...

Aires assim fêz.

Os dois marinheiros que tinham tentado levantar as âncoras estavam caídos no chão, meio mortos.

Quando Aires ergueu o machado para cortar a primeira amarra, viu a cabeça de um guinéu surgir por cima da amurada. De um golpe certo,

Aires rachou a cabeça do negro que logo caiu ao mar sem vida. Um segundo golpe cortou a amarra e Aires correu para cortar a outra.

Os negros, vendo já poucos brancos de pé, aproximavam-se e tentavam trepar para a caravela. Os portugueses que restavam, desbastavam nêles às lançadas com as últimas fôrças que tinham. Aires ainda deu cabo de mais um antes de cortar a segunda amarra. E agora a caravela desprendida das âncoras e com as velas içadas e bom vento, ia singrando cada vez mais depressa. Em breve as embarcações dos guinéus ficaram para trás e desistiram de seguir a caravela.

Apenas se viu livre de tamanho perigo, Aires que por milagre escapara das setas, caiu de joelhos a dar graças a Deus; e logo a seguir, correu para Nuno Tristão que perdera os sentidos e jazia no chão como morto. Olhando em volta, à procura de quem o ajudasse, só viu cadáveres e moribundos, e a coberta juncada de setas. Por fim avistou os quatro rapazes seus companheiros que se tinham refugiado à proa e ali estavam em monte, agarrados uns aos outros chorando e rezando em altas vozes, tranzidos de susto.

— Que é isto aqui? — gritou Aires todo zangado. — Pois não têm vergonha? Mais parecem mulheres a chorar e a tremer de medo em lugar de me ajudarem!... Nenhum de vós é tão criança que tenha perdão... Cobardes! Toca a saírem daí e a fazerem o que eu mandar!...

E pegando num trôço de corda caminhou para êles ameaçando desancá-los se não se calassem e não ganhassem ânimo de cumprir o seu dever.

O grumete foi o primeiro a falar:

— E que havemos de fazer? — disse êle. — Vê bem, Aires, as setas peçonhentas mataram os homens desta caravela. Os que ainda estão vivos é como se já estivessem mortos. Cá por mim sei fazer o que me mandarem dentro de um navio, mas não sei guiá-lo, nem conheço ventos, nem correntes do mar, nem cousa nenhuma das que sabem os capitães. Nenhum de nós sabe. Bem vês que estamos perdidos.

— Perdidos estão aquêles que não fazem a sua obrigação! — berrou Aires. — Quem manda aqui sou eu, e aquêle que não me obedecer, apanha uma sova com esta corda até escorrer sangue!

Trouxe-os consigo até junto de Nuno Tristão e êle e mais dois, levaram o capitão para o beliche, despiram-no, deitaram-no e deram-lhe goles de vinho até que voltou a si.

— És um valente — disse Nuno Tristão apenas pôde falar. — Bem vi como derrubaste aquêles malditos... e vi como cortaste as amarras e salvaste a caravela arriscando a vida... E Deus salvou-te por milagre, que as setas choviam à tua volta... Morro contente, Aires, por ter visto que és um homem...

Preguntou pelos companheiros; e quando soube que, dos vinte e dois que tinham ido com êle nos botes, só quatro ainda estavam com vida e êsses na agonia, soltou um grande suspiro e calou-se.

Aires pegou na mão de Nuno Tristão e beijou-lha com fervor. Custava-

-lhe a suster as lágrimas, mas conteve-as. Levou os rapazes para a coberta e falou-lhes com autoridade e tais cousas lhes disse que lá conseguiu animá-los e dar-lhes confiança. No fundo do coração pedia a Deus que o ajudasse e lhe trouxesse à memória as cousas de navegação que ouvira quando passara tantas horas na sala do Infante.

Assim tomou o comando do navio e os outros rapazes, vendo-o tão resolutivo, obedeciam-lhe nem que êle fôsse um verdadeiro capitão.

Mandou guiar o navio com rumo ao Norte, inclinando um pouco para o Levante, parecendo-lhe que assim, dando as velas ao vento nordeste, alcançaria a costa de Portugal.

Apenas viu os quatro rapazes fazendo de boa vontade as manobras que lhe mandara, Aires voltou junto de Nuno Tristão. Encontrou-o mais animado.

— Aires, — recomendou êle, — quando chegares a Portugal, diz ao Infante, nosso senhor, que morro contente porque morro em seu serviço. E explica-lhe bem que descobrimos mais sessenta léguas de costa e que a terra de África se estende sempre para o sul sem mostras de acabar. E conta-lhe do rio novo, tão grande que descobrimos, e que as margens são de muito arvoredado e povoadas de negros. Entrega-lhe as setas envenenadas que nos mataram...

Mas não pôde falar mais porque lhe faltavam as forças. E Aires voltou às suas obrigações com o coração apertado de tristeza. Mas não o mostrou. Foi logo ajudar os outros na lida do navio e depois, deixando o grumete e o prêto a contas com os trabalhos da navegação, foi mais os outros dois rapazes dar uma vista de olhos à coberta; e viu que já não havia senão dois homens vivos. Os outros tinham morrido todos. Amortalharam os defuntos conforme puderam e, com muitas orações e muito respeito, lançaram-nos ao mar. Os dois marinheiros que ainda viviam, não davam conta de nada. Deitaram-nos, pensaram-lhe as feridas, trataram-nos o melhor que souberam e deixaram-nos ficar sossegados.

Quando Aires voltou junto de Nuno Tristão, encontrou-o morto. De joelhos ao seu lado e com a cabeça encostada àquele peito onde o coração já não batia, ali ficou muito tempo, chorando a fartar porque ninguém estava ali perto que visse ou ouvisse o seu grande desespero.

A pouco e pouco foi serenando. Fechou os olhos ao seu grande amigo, cruzou-lhe as mãos sobre o peito onde poisou o crucifixo que Nuno Tristão trazia sempre consigo. Depois acendeu uma candeia e rezou muito tempo encomendando a Deus aquela alma limpa e forte que tão cedo voltava para junto do seu Criador.

De vez em quando levantava-se e dava um giro pelo navio, a ver se tudo corria bem. Tôda a noite velou o corpo daquele a quem estimara nem que fôsse seu pai; e aquelas horas de vela, fizeram de Aires Tinoco um homem.

Quando começou a romper o dia, Aires de pé ao lado do morto e fitando-o com olhos enxutos e firmes, disse assim:

— Nuno Tristão, uma cousa te quero prometer nesta hora: é que a tua memória andarás sempre no meu coração e que, em tôda a minha vida, por

comprida que ela seja, nem por acções nem por pensamentos, procederei em contrário das lições e exemplos que me deste. A tua vida será em mim continuada; como serviste o Infante, nosso senhor, assim o servirei até à hora da minha morte, por amor dele e de ti. E o que peço a Deus é que não me deixe morrer de doença mas com armas na mão contra infieis, como tu morreste, na defesa da nossa santa Fé, e em serviço do senhor Infante e de El-Rei, nossos senhores.

No dia seguinte amortalharam Nuno Tristão, encomendaram com muitas orações a sua alma a Deus, e lançaram o seu corpo ao mar.

E então começou aquela viagem que parecia não ter fim e da qual Aires Tinoco guardou bem viva memória até ao cabo da sua vida.

Dias e noites, noites e dias, sem ver mais do que céu e mar, como se nunca mais lhe fôsse dado descansar os olhos num pedaço de terra. Aires teimava na sua rota; mas tão pouco seguro dela que muitas vezes, só consigo mesmo, entrava a duvidar e perguntava em segrêdo à sua alma onde estariam, onde iriam parar, ou se nunca mais veriam terra e estariam condenados a morrer de fome e de sede sobre aquelas águas infinitas. Guardava só para si estes tristes pensamentos. Diante dos companheiros mostrava-se animado e seguro de si e, quando os via sombrios ou duvidosos, falava-lhes com firmeza e até com alegria muito bem fingida, pois bem sabia que os corações dos pobres rapazes eram medrosos e variáveis e só ganhavam coragem pela fé que nêle tinham.

Aires Tinoco escondia pois com tóda a fôrça da sua vontade os cuidados e incertezas que tantas vezes o atormentavam; e a dor e a saúde que lhe deixara a morte de Nuno Tristão. Era preciso mostrar cara alegre e resoluta para agüentar o ânimo dos seus companheiros; e muitas vezes Aires, se os via tristes ou inquietos, pegava na viola com ares descuidados e tocava e cantava para os consolar e animar. E assim ia aprendendo que a coragem mais difícil não é a que arrasta num repente os homens em batalhas contra inimigos perigosos mas sim a coragem de todos os dias que nos leva a lutar contra nós mesmos, por amor dos outros.

Havia mais de seis semanas que assim navegavam; e parecia que Deus estava com êles pois o mar conservava-se macio e sereno e a brisa constante. Ainda tinham mantimentos para uns quinze dias, se fôsem poupados.

Todos os dias Aires fazia a distribuição de carne salgada, bolacha, figos passados, vinho e água, com muito cuidado e dando o menos que podia. E dizia a rir:

— Mais um pouquinho de paciência, rapazes, que daqui a poucos dias estaremos na nossa terra. Mas vamos a poupar, que pode vir alguma calma-ria ou alguma tempestade que nos atrase e eu não quero levar-vos esfomeados à presença do Infante, nosso senhor.

E assim os ia agüentando. Mas de noite, quando chegava a sua hora de vigia, enquanto os outros dormiam punha-se de joelhos a pedir a Deus que



lhe desse fôrças, mais fôrças até ao fim, porque lhe parecia às vezes que tôda a esperança o abandonava.

Os dois escudeiros do Infante, feridos mas que não tinham morrido com a peçonha das setas, conservavam-se tão doentes que Aires desanimava da sua cura. Tratava deles conforme podia, mas não lhes via grandes melhoras. Se às vezes pareciam mais espertos e tentavam levantar-se, logo caíam na cama, ardendo em febre e tão fracos que mal podiam mexer-se.

Assim o comando da caravela estava todo a cargo do Aires e não podia êle contar senão consigo e com os quatro rapazes para todo o labutar do navio.

Dêste modo se foram passando ainda muitos dias. Os mantimentos diminuíam; as rações eram cada vez mais pequenas, e já nenhum comia o que tinha na vontade. Andavam rotos, que não tinham tempo de tratar das roupas, e magros que o comer era pouco e muita a canseira.

Uma noite, acabara o Aires a sua vigia e estendera-se no chão da coberta porque fazia muito calor. Tal era o cansaço que logo adormecera que nem uma pedra.

No lusco-fusco do alvorecer, o grumete que estava de vela, avistou ao longe, no mar, uma embarcação. Gelou-se-lhe o sangue nas veias. Senhor! Senhor! Que embarcação podia ser aquela senão de moiros piratas? E o que seria deles... cinco rapazes sôzinhos numa caravela, e já tão estafados que nem fôrça teriam de arremeçar uma lançada ou dar um golpe de espada... E isto contra muitos moiros bem armados, homens rijos e resolutos...

Aires acordou em sobressalto. O grumete filara-lhe um ombro e sacudia-o com valentia:

— Aires! Aires! Temos uma embarcação pela proa! Moiros! Moiros!

O rapaz ergueu-se de um salto.

— Moiros? — disse êle todo estremunhado, — que é deles?

E correu com o grumete para a proa.

O alvorecer vinha muito claro. Lá ao longe, sôbre as águas tranqüilas, avistou uma embarcação... Com o coração aos saltos, dizia de si para si:

— Onde estaremos nós e que gente será aquela?

Mas cozeu só consigo aquêle cuidado e, voltando-se para o grumete, disse-lhe com voz segura:

— Vai acordar os outros, que é bom estarmos todos a pé para o que fôr preciso. Mas isto deve ser gente portuguesa, talvez pescadores, que não devemos estar longe da costa da nossa terra.

E enquanto o grumete, já cheio de esperança ia acordar os companheiros, Aires firmava a vista na embarcação e, quanto mais de perto a via, mais se convencia de que tal barco não era português.

Não sentia mêdo, mas sim uma raiva, um fervor no sangue, um grande desejo de combater, de morrer no seu pôsto com valentia como Nuno Tristão

morrera, defendendo até ao fim a caravela que o Nuno Tristão entregara e confiara ao seu cuidado.

— Não há perigo, — disse êle aos rapazes que agora o rodeavam. — Aquilo deve ser gente portuguesa. Mas se não fôr, a gente vai aqui defender a caravela até à última. Ninguém há-de dizer que cinco portugueses com boas armas nas unhas se deixaram filar como carneiros por meia dúzia de malditos infieis! Eia, rapazes! Não há aqui nenhum que não fôsse criado na casa do senhor Infante; até o prêto que lá anda desde pequeno. Vamos agora mostrar aos câis moiros o que vale gente da nossa raça!

Tais cousas lhes disse e com tal confiança, coragem e alegria, que os rapazes perderam o mêdo e correram a enfiar cotas de malha e a pegar em lanças e espadas, como valentes que todos eram, afinal, do fundo de alma. Só precisavam de bom capitão; e Aires tinha grande jeito de comandar e ninguém era capaz de lhe resistir.

Os dois escudeiros feridos, que mal se podiam mexer, ao ouvirem o alarido que os rapazes faziam, arrastaram-se para a coberta a saber o que se passava. E quando lho disseram, pediram logo as suas espadas e ali ficaram, fazendo das fraquezas fôrças, pelo milagre das suas vontades, prontos a venderem caro o resto da vida que tinham, na defesa da caravela, como valentes portugueses que eram.

A embarcação vinha sôbre êles; agora espalhava-se já tal claridade ao nascente que, da caravela se podia bem ver a gente do outro navio. Não eram moiros, louvado Deus!... mas também não eram portugueses.

Aires Tinoco e os companheiros, por mais que olhassem, não enxergavam nenhum sinal de batalha na outra embarcação. Aquela gente, ou trazia boa tenção ou vinha manhosa.

Por fim abordaram e logo o capitão estrangeiro veio à fala. Era um corsário galego, de nome Pero Falcão, que andava naquele mar à cata de moiros.

— Bemdito seja Deus! — exclamou Aires largando a espada e abraçando o galego.

E contou-lhe a sua história que o capitão e mais a sua gente ouviram maravilhados.

— Tiveste contigo a bênção de Deus! — disse o capitão a Aires. — Estás defronte da costa de Portugal, pela altura da vila de Sines.

A alegria de Aires Tinoco e dos seus, ao ouvir tal notícia, foi tal que nem se pode contar; e a primeira cousa que fizeram apenas os galegos se afastaram, foi darem graças a Deus pelo milagre da sua salvação.

Quando acabaram a sua oração e ergueram os olhos, o sol ia a nascer e, defronte deles aparecia, tôda cheia de luz, a terra bemdita de Portugal!

Havia mais de dois meses que vinham nas mãos de Deus, entre céu e mar!

Agora sim, agora já Aires Tinoco sabia para onde guiar a caravela!

Ao chegarem a Lagos onde o Infante se encontrava, juntou-se muito povo

na praia; mas grande foi a tristeza e muitas as lamentações e prantos de toda aquela boa gente ao saber o que a caravela trazia: dois homens gravemente enfermos, cinco rapazitos esfomeados, e a notícia da morte de Nuno Tristão e de mais vinte e um bons servidores do Infante!

Aires Tinoco, ao desembarcar, não quis saber de mais nada senão de ir ter com o Infante. Apresentou-se diante dele acompanhado pelos quatro rapazes que o tinham ajudado a levar a bom fim a sua empresa tão difícil. Iam todos eles rotos e sujos porque nem um instante quiseram tardar em levar ao seu senhor as novas que traziam.

Ajoelhando defronte do Infante, depuseram aos seus pés os molhos de setas envenenadas.

— Aqui estão as armas peçonhentas, meu senhor, — disse Aires, — que tiraram a vida a Nuno Tristão e aos seus companheiros. Todos morreram contentes por darem a vida ao serviço de Vossa Senhoria; mas Nuno Tristão antes de entregar a alma a Deus, recomendou-me que trouxesse a Vossa Senhoria a notícia de que mais de sessenta léguas ficaram descobertas nesta viagem além do Cabo Verde e que a costa segue sempre para o sul sem mostras de ter fim, e que se descobriu um rio novo, muito largo, de margens cobertas de arvoredo e povoadas de negros perigosos que vieram sobre nós em grande número em suas embarcações e, com suas setas peçonhentas mataram tantos e tão bons servidores de Vossa Senhoria; e entre eles Nuno Tristão, o melhor, o mais fiel e valente de todos.

Aqui o pobre Aires teve de parar para engulir os soluços que lhe apertavam a garganta e disfarçar as lágrimas que lhe inundavam os olhos.

Mas logo continuou com voz firme e foi contando ao Infante como era aquela costa, e o rio, e as árvores e plantas que lá cresciam e a figura e modos dos guinéus e como as embarcações talhadas em troncos de árvores eram compridas e ligeiras. E apresentou-lhe um grande desenho que fizera durante aqueles dias sem fim da jornada da volta, onde marcara o melhor que soubera, os recortes da terra e da embocadura do rio.

O infante ouviu, ouviu sem dizer palavra e não tirou os olhos do rapaz enquanto ele não acabou de falar. E depois desenrolou aquele mapa feito pelo Aires e ficou a olhar para o desenho muito tempo.

Aires Tinoco disse:

— Enquanto se pôde ter de pé, comandou como um bom capitão e só quando viu a caravela a salvamento caiu no chão sem sentidos. E na hora da morte pediu-me que dissesse a Vossa Senhoria que morria feliz porque morria em serviço de Vossa Senhoria...

O Infante estava sentado num banco, com os cotovelos fincados nos joelhos e o queixo nas mãos. Deixara cair no chão o mapa. E de repente Aires

viu uma lágrima que escorria devagar por aquela cara tisonada pelo sol e pelas ventanias do mar.

Uma lágrima na cara do Infante! Ai, se Nuno Tristão a pudesse ver, como daria por bem empregada a sua morte! Aires cravou os olhos no chão, aterrado, sem saber o que havia de fazer.

O Infante ergueu-se devagar e encaminhou-se para a janela onde esteve algum tempo olhando para fora, de costas voltadas para os rapazes. Depois, tornando para junto deles, pôs a mão no ombro do Aires e disse assim:

— Nem a minha vida, nem a vida daqueles que me servem, conta. Só contam as terras e mares que os Portugueses hão-de descobrir...

Todos ficaram calados como se êle tivesse dito uma reza. E depois o Infante perguntou:

— Mas se os meus dois escudeiros André Dias e Álvaro da Costa, os únicos homens que escaparam, estão ainda tão doentes que mos trouxeram em andas, quem guiou a caravela dessas terras desconhecidas até aqui?

Como Aires não respondesse, o grumete apontou para êle e respondeu:

— Foi êle, foi Aires, meu senhor! Nenhum de nós sabia coisíssima nenhuma da arte de navegar e, se não fôsse Aires Tinoco, tínhamos ficado todos com a caravela nas unhas dos guinéus ou perdidos para sempre no mar alto...

— Foi Aires que cortou as amarras por ordem de Nuno Tristão, — acudiu um dos rapazes. — Não quis saber do perigo. Com o mesmo machado matou dois guinéus que se tinham agarrado à caravela e já vinham galgando a amurada. As setas choviam à sua volta, mas nunca fêz caso nenhum delas e, por graça de Deus, nem uma só lhe tocou...

O outro rapaz acrescentou:

— E quando a caravela se safou daquele perigo tamanho, nós vimos a coberta juncada de mortos e ninguém para nos ensinar ou nos acudir e cuidamos que era o fim da nossa vida. Não sabíamos guiar a caravela nem para que lado voltar o leme, e não fazíamos senão chorar e rezar. Foi Aires que nos deu ânimo. Tomou o comando do navio, e nenhum capitão o teria feito com mais coragem e sabedoria. A gente tinha perdido o ânimo. Mas êle escamou-se e disse que nos batia se não fizessemos o que êle mandasse; e foi assim que ganhamos confiança nêle. Se não fôsse Aires Tinoco, meu senhor, nem a caravela teria voltado, nem haveria viva alma para contar a Vossa Senhoria que mais sessenta léguas de costa estavam descobertas.

Aires atrapalhado da sua vida, cravara os olhos no chão; e não viu o sorriso que a pouco e pouco apareceu na cara do Infante.

— Como sabias tu tão bem a arte de marear? — perguntou o Infante a Aires.

— Eu não sabia, meu senhor, — respondeu êle todo envergonhado. — Fingi que sabia para animar estes rapazes. Era preciso alguém para mandar; não havia ninguém. Então encomendei-me a Deus e tive fé em que não nos abandonaria. Então fui-me lembrando de muitas cousas que Nuno Tristão me tinha ensinado, e do que aprendi ao ouvir as falas de Vossa Senhoria com os mestres da arte de marear... Mas era bem pouco, meu senhor, e se Deus me não tivesse ajudado, eu, só por mim, nada poderia ter feito.

O Infante escutou o rapaz com atenção e depois perguntou-lhe:

— Depois desta viagem, Aires Tinoco, onde viste a morte de tão perto, qual é o teu maior desejo? Queres largar a vida do mar, e voltar com uma bolsa cheia de dinheiro para casa dos teus pais?

O rapaz ergueu para êle os olhos cheios de fervor e de adoração e disse assim:

— O meu maior desejo é servir Vossa Senhoria até ao último dia da minha vida e morrer ao seu serviço como Nuno Tristão morreu. O meu maior desejo é ficar na casa de Vossa Senhoria e ir para o mar quando fôr da sua vontade. E aprender a arte de marear e fazer cousas que me tornem digno da amizade que Nuno Tristão sempre me mostrou, e da confiança de Vossa Senhoria. Dinheiro não preciso e dê-o Vossa Senhoria a estes rapazes, meus companheiros, que bem o mereceram.

O Infante cofiou o bigode, disfarçando um sorriso. E perguntou:

— Quantos anos tens tu?

— Vou em dezassete, meu senhor.

O Infante poisou-lhe a mão no ombro, ficou-se um bocado a olhar para êle, e por fim disse-lhe:

— Pois desta hora em diante, Aires Tinoco, ficas sendo meu escudeiro. E... quando tiveres feito mais uma viagem ou duas, ou me engano muito ou terei de, por minha própria mão, te armar cavaleiro, que bem poucos com a tua idade, e até com mais idade, o merecem tão bem como tu.

Aires, sufocado de comoção, não pôde dizer uma só palavra. Ajoelhou defronte do Infante e beijou-lhe as mãos. Não podia fazer mais nada. A sua alegria era tamanha que não o deixava falar. Parecia-lhe tão pouco o que tinha feito, para merecer tal prémio!

— Escudeiro do Infante! — pensava êle de si para si, como num sonho. — E promessa de ser armado cavaleiro pela mão do meu senhor!... Ai, Nuno Tristão, Nuno Tristão! Não seres tu vivo para eu ir agora ter contigo e dizer-te esta alegria da minha alma!

O Infante Dom Henrique não esqueceu nenhum dos que sobreviveram

àquela viagem. Todos receberam tais prémios que, por amor deles e da generosidade do Infante, esqueceram as agonias passadas. E as viúvas e os filhos dos que morreram naquela viagem, ficaram amparados e protegidos pelo Infante como por um pai.

Ao rio descoberto por Nuno Tristão, deu o Infante o nome daquele grande cavaleiro e leal servidor que morreu em tal emprêsa; e ainda hoje, em certos mapas, se vê escrito o nome de Nuno Tristão marcando o lugar da costa africana cuja descoberta custou a vida a tantos e tão bons portugueses.

### **A SEGUIR:**

## **HISTÓRIA DAS VIAGENS, VIDA E MORTE DO GRANDE INFANTE DOM PEDRO**

*Virginia de Castro e Almeida escreveu:  
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

**S. P. N.**